A REPÚBLICA DO FUTEBOL: IMAGENS LITERÁRIAS DOS PRIMEIROS TEMPOS

Tatiana Sena*

* tatianasena@ufmg.br
Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (FALE/UFMG). Bolsista CNPq.

RESUMO: Este ensaio analisa algumas imagens e memórias do futebol em sua fase de difusão, durante as primeiras décadas do governo republicano, inscritas em crônicas e contos do escritor Lima Barreto, momento em que não era possível discernir a relevância cultural que a prática futebolística viria adquirir ao se consolidar como o esporte da nação. As marcas instituintes desse valor nacional evidenciam impasses que ainda reverberam, de forma que as críticas de Lima Barreto à excessiva valorização política e social do futebol permanecem atuais, colaborando para uma reflexão sobre as prioridades governamentais que a república deveria assumir naquele contexto e em situações posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, literatura, Lima Barreto, república.

ABSTRACT: This paper analyses some images and memories of football in their diffusion phase, during the first decades of the republican government, inscribed in chronicles and short stories of the writer Lima Barreto, when it was not possible to discern the cultural relevance that the football practice later will acquire when it consolidate as the sport of the nation. The founding marks of this national value show impasses that still reverberate, so that the criticism of Lima Barreto on the excessive political and social value of football remain current, contributing to a reflection on government priorities that the republic should take in that context and in subsequent situations.

KEYWORDS: Football, literature, Lima Barreto, republic.

1. PRELIMINARES

O futebol está presente na vida de milhões de pessoas ao redor do mundo, suscitando envolvimento e contínua adesão afetiva e imaginária às narrativas, às cores e aos emblemas que dão lastro a grandes ou pequenas "comunidades imaginadas",[1] nacionais ou locais, ao mesmo tempo em que movimenta o lucrativo "mercado da bola". Em diferentes áreas do conhecimento, sob variadas abordagens, muitos criadores artísticos e estudiosos, diletantes e acadêmicos, investigaram o fascínio e a atração que o futebol exerce sobre tantos indivíduos, além de tentar compreender sua significação cultural. Como "objeto" de criação e de análise, o futebol resiste a uma tradução intersemiótica unívoca ou a uma categorização simplificadora.

Em torno do vasto "mundo da bola", orbitam jogadores, torcedores, técnicos, árbitros, dirigentes, jornalistas esportivos, olheiros, entre outros amantes, aficionados ou profissionais. As múltiplas formas de percepção e de construção do futebol – jogo, esporte, arte, entretenimento, linguagem – exemplificam as experiências multidimensionais e os diferentes pontos de vista que são vivenciados sob sua rubrica. Cada uma dessas maneiras de elaborar o futebol contribui com uma noção importante para os efeitos de sentidos que conformaram essa prática, desde seu contexto de surgimento no século XIX, assim como em seus desdobramentos ulteriores.

Integrado ao complexo dos esportes, a formação do futebol na Inglaterra esteve diretamente associada aos processos modernizantes, no século XIX, que engendraram novos processos de subjetivação através de diversos instrumentos de poder, notadamente centrados na disciplina e na regulação do corpo.[2] A popularização da prática futebolística nas cidades britânicas e sua posterior disseminação pelo continente europeu foram apropriadas pelo discurso nacionalista, para o reforço de fronteiras simbólicas. As imagens que compõem o imaginário nacional não estão apenas dentro dos limites da nação. É preciso justificar a delimitação identitária, inventando imagens externas que diferenciem e naturalizem o pertencimento.

No Brasil, o "esporte bretão" começou a ser praticado em meados da década de 1890, durante o governo republicano, trazido pelos filhos das elites locais, que retornavam de seu período de formação educacional na Europa, como era costume na época. As narrativas historiográficas atribuem essa ação pioneira de transposição a Charles Muller, em 1894. O advento do futebol no país possuiu um viés marcadamente elitista e excludente, o qual não poderia prefigurar o enraizamento popular que esse esporte adquiriria ao longo do século XX, a ponto de ser nacionalizado como expressão e fundamento da própria "identidade brasileira".

O futebol faz parte do complexo imagético-discursivo que nomeamos por "cultura brasileira",[3] formatado entre os

1. ANDERSON. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.

2. FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976), p. 285-315; DAMATTA. *Antropologia do Óbvio*: notas em torno do significado social do futebol brasileiro, p. 10-17.

3. MOTA. *Cultura brasileira ou cultura republicana?*, p. 37.

anos de 1920 e 1930. Dentre os valores tidos por brasileiros, talvez o futebol tenha adquirido a posição de valor maior e mais "autêntico". De certa forma, a escolha do país para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 concorreu tanto para disseminar o sentimento de "orgulho" e reavivar o discurso nacionalista, a "pátria em chuteiras", como para trazer à tona uma visão mais negativa sobre os signos e as contradições do "progresso" e da "modernidade" brasileiros. É divulgado que, enfim, o Brasil está sendo reconhecido internacionalmente. Nas propagandas estatais, o clima de ufanismo é perceptível.

O objetivo deste ensaio é investigar, em crônicas e contos do escritor Lima Barreto, algumas imagens e memórias do período de implantação, disseminação e apropriação do futebol, no decorrer das primeiras décadas do governo republicano, por diferentes setores da população brasileira, quando ainda não estava dado que a prática futebolística seria um fenômeno tão impregnado na cultura, quando a república ainda buscava um esporte para a ordem e o progresso da nação. No primeiro tempo do texto, discuto a relação entre literatura e futebol no país, detendo-me um pouco na interpretação formulada pelo crítico literário José Miguel Wisnik. No segundo tempo, são analisadas algumas representações do futebol na produção literária de Lima Barreto, através das quais se buscou evidenciar a disputa em torno dos sentidos culturais da nação.

2. PRIMEIRO TEMPO: A TRADUÇÃO EM JOGO – LITERATURA E FUTEBOL

É predominantemente pelo prisma da relação com a identidade nacional que o futebol tem sido abordado em trabalhos acadêmicos em algumas áreas das ciências humanas. No campo da literatura, a despeito de sua inegável onipresença e relevância sociocultural, o futebol não se configurou como um motivo literário fecundo, capaz de construir uma tradição criativa e crítica expressiva, nem mesmo no âmbito das narrativas que plasmaram imagens da nacionalidade.

Quando alguma alusão ou referência é feita, o futebol é visto como uma característica negativa da "identidade brasileira". Em *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, publicado em 1928, por exemplo, há três breves alusões à prática futebolística. O "herói da nossa gente" é, inclusive, apontado como o inventor do jogo, sendo o futebol caracterizado como uma das "três pragas",[4] ao lado do bicho-do-café e da lagarta-rosada.[5] Por outro lado, o romance *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, apresenta a visão das elites econômicas sobre o futebol, na década de 1970, expressa na cena em que a personagem Lavínio inclui o futebol em sua síntese negativa sobre o caráter do brasileiro: "O brasileiro é mulher, cachaça, futebol, carnaval e molecagem, esta é que é a verdade".[6]

Muitas hipóteses foram formuladas sobre a eloquente ausência, ou presença majoritariamente negativa, do futebol nas

4. Em nota da edição crítica, Telê Porto Ancona Lopez esclarece que o qualificativo de "praga" foi acrescentado pelo autor à primeira edição da obra, em comparação com o manuscrito considerado definitivo. Na leitura da pesquisadora, esse acréscimo "faz a crítica do entusiasmo popular pelo futebol" LOPEZ. In: ANDRADE. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, p. 48.

5. ANDRADE. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, p. 48.

6. RIBEIRO. *Viva o povo brasileiro*, p. 624.

produções literárias brasileiras. O jornalista Milton Pedrosa, por exemplo, sugeriu seis razões[7] para a escassa tematização do futebol pelos escritores. Dentre as explicações sugeridas, a formação intelectual da elite letrada destaca-se como a razão mais proeminente, já que termina por intersecionar a maioria das demais explicações. Para Silviano Santiago, o drama ético da intelectualidade no Brasil consistiria em lidar com as diferenças culturais internas, dos estratos populares, porque a classe intelectual hegemônica esteve (e ainda em grande medida está) voltada para a Europa como referência civilizatória e epistemológica, importando, seletivamente, formas modulares de imaginações culturais e políticas.[8]

Significativamente, a reputação do futebol declinou a partir da "invasão" das camadas populares, que mudou não apenas o perfil financeiro inicial, mas também o perfil étnico e cultural dos jogadores e das torcidas. Em vista disso, as visões dicotômicas de muitas abordagens literárias e críticas não são surpreendentes, não indo além de julgamentos normatizantes, baseados no binarismo, os quais tratam o futebol como "alienação" e "ópio do povo" ou como "paixão do povo", "voz do povo", sem propriamente refletir sobre os seus sentidos expressivos e políticos.

Nesses casos, podem ser úteis as ponderações da pesquisadora Vera França sobre os sentidos contraditórios que podem ser atribuídos ao vocábulo "povo", utilizado frequentemente nessas análises. Para essa autora, "por vezes povo é tomado como sinônimo de nação [...]; outras vezes povo é um coletivo já recortado, do qual se excluem os grupos dotados de uma cultura sem adjetivação".[9] Nesse uso, torna-se perceptível o desgosto cultural pelo "povo" que resiste às prerrogativas das normas civilizatórias ocidentais. Como salientou Pedrosa,[10] os questionamentos sobre a relação entre intelectualidade e futebol não podem ser reduzidos à questão de "escrever contra o futebol ou a seu favor. Trata-se, antes de tudo, de fixar um fato da vida intelectual brasileira".

Outras abordagens literárias e críticas tentaram escapar dessa polarização improdutiva, apostando numa leitura ambivalente do futebol no Brasil. José Miguel Wisnik adotou a noção de "ambivalência indecidível" para lidar com os elementos contraditórios do futebol no Brasil.[11] Para o autor, o futebol seria "um dos elementos nucleares" da sociedade brasileira, integrado ao processo de formação nacional.[12] O autor produz uma sofisticada leitura sobre os elementos expressivos da linguagem futebolística.

Dessa forma, a interpretação de Wisnik sobre o futebol alinha-se a uma tradição de pensamento que objetivou/objetiva dizer o que *é* o Brasil, contribuindo para a produção discursiva da nacionalidade. Na proposição axial do livro, o futebol mostraria o "veneno remédio" da cultura brasileira,[13] apontando que o "*Brasil é uma droga*", na medida em que "se

7. Segundo Pedrosa, as causas prováveis seriam: "A reputação do futebol na sociedade brasileira"; "As origens da intelectualidade brasileira"; "Falta de mercado"; "A distinção entre ocupação intelectual e trabalho manual"; "A divisão da sociedade" e "O problema da alienação". PEDROSA. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*, p. 16-34.

8. SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 18.

9. FRANÇA. *Narrativas televisivas: programas populares na TV*, p. 20-21.

10. PEDROSA. *Gol de letra*: o futebol na literatura brasileira, p. 24.

11. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 245.

12. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 244.

13. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 40.

caracteriza por ser ao mesmo tempo mortífera e salvadora, redentora e destrutiva, dividindo-se e repondo-se, sem se decidir entre essas faces opostas".[14]

A imagem produzida por Wisnik possui uma significativa articulação com o uso metafórico da noção de doença. Quais seriam as "doenças" da cultura brasileira? Como alertou Susan Sontag, "na grande tradição da filosofia política, a analogia entre a doença e a desordem civil é proposta a fim de estimular os governantes a pôr em prática uma política mais racional".[15]

Pelo prisma do futebol, Wisnik retoma e atualiza algumas proposições de Gilberto Freyre, quando ele elegeu a figura do "mulato" como "intérprete privilegiado da sociabilidade ambivalente", "o agente metacultural por excelência da *pontidão* e da *bossa*",[16] ecoando a tese de Freyre acerca de um "futebol mulato",[17] setenta anos após sua formulação. A despeito das inegáveis contribuições de Freyre para uma reavaliação das teorias raciais no século XX, colaborando para o processo de mudança paramétrica do conceito de miscigenação (elementos que eram tidos como negativos foram realçados como traços positivos de identidade brasileira), o autor do célebre *Casa Grande & Senzala*, publicado em 1930, pautou-se no discurso mítico das "três raças" na sua leitura sobre a formação brasileira, cuja linhagem imaginativa incluía Von Martius, Silvio Romero, Ronald de Carvalho, Olavo Bilac.

A partir de Freyre, esses discursos se tornaram hegemônicos na construção do "povo brasileiro" como uma "etnicidade fictícia", nos termos de Etienne Balibar, para quem as formações sociais se nacionalizam na medida em que possam se representar "como se formassem uma comunidade natural",[18] com cultura e interesses preexistentes, forjando um sentido de pertencimento, a partir do qual seria possível interpelar o indivíduo "*em nome* da coletividade".[19]

A "etnicidade fictícia" seria fabricada a partir das categorias de língua e raça. No caso brasileiro, a ideia de fusão das "três raças" como fundamento para a construção do "povo brasileiro" só pôde ser efetivada quando as visões negativas em torno da mestiçagem foram rechaçadas ou ressignificadas na década de 1930.

Nesse contexto, o "mito das três raças" se constituiu, segundo Roberto DaMatta, como a "mais poderosa força cultural, permitindo pensar o país, integrar idealmente sua sociedade e individualizar sua cultura".[20] Para DaMatta, o mito das três raças "permite juntar as pontas do popular e do elaborado (ou erudito)".[21] Essa compreensão triangular sobre o povo brasileiro "interpenetra a maioria dos domínios explicativos da cultura".[22] Como também ressaltou Lilia Schwarcz, desde as visões extremamente negativas em relação à mestiçagem até se "chegar ao elogio à democracia racial com Gilberto

14. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 245.

15. SONTAG. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*, p. 68.

16. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 231.

17. No artigo "*Foot-ball* mulato", publicado em 1938 e disponível em versão eletrônica na internet, Freyre afirmou que, no seu texto, "mulatismo e arianismo são considerados não como expressões étnicas mas como expressões psico-sociais condicionadas por influências de tempo e de espaço sociais". Entretanto, o autor exemplifica o futebol mulato através da leitura do corpo dos atletas, notadamente da cor da pele, como o seguinte excerto evidencia: "[...] uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um *team* fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas um grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros". >>>

17. >>> Ora, se o mulatismo é apresentado como uma expressão psico-social na sociedade brasileira, por que um jogador brasileiro branco não poderia jogar um futebol mulato? Ser *bem* ou *ainda mais* brasileiros demarca a permanência de pressupostos racialistas, ainda que Freyre, de maneira louvável, denuncie a segregação imposta pelo Itamarati aos jogadores marcados negativamente pela categoria racial, que foram anteriormente impedidos de representar o Brasil no estrangeiro. FREYRE. *Foot-ball* mulato.

18. BALIBAR. *Raza, Nación y Clase*, p. 149 (tradução nossa).

19. BALIBAR. *Raza, Nación y Clase*, p. 150 (tradução nossa).

20. DAMATTA. *Relativizando*: uma introdução à Antropologia Social, p. 69.

21. DAMATTA. *Relativizando*: uma introdução à Antropologia Social, p. 62.

22. DAMATTA. *Relativizando*: uma introdução à Antropologia Social, p. 69.

Freyre, percebe-se como é arraigado o argumento de que o 'Brasil se define pela raça'".[23]

É justamente por essa fixação em premissas racialistas[24] que se pode questionar a interpretação de José Miguel Wisnik, quando ele sugere a "propensão congenial" dos negros para a "prontidão".[25] Embora o autor se esforce em mandá-los para escanteio, os pressupostos racialistas retornam: mais do que "tabu",[26] a "questão racial" parece ser um eloquente fetiche nas análises da elite letrada brasileira.

Nesse tipo de leitura, atribui-se ao corpo negro uma disposição inata para a agilidade, traduzida muitas vezes na imagem da ginga. Por conta disso, perde-se de vista a dimensão histórica da criação humana, sua (re)invenção social, assim como é subestimada a potência (re)criadora da memória cultural e do imaginário. O propalado discurso da "natural" ginga brasileira encobre a história das formas de estilização do corpo e de si forjadas pelos negros no Brasil, através da recomposição e recombinação de elementos e saberes culturais variados provenientes das matrizes culturais africanas, como também de formas indígenas e europeias.[27]

O conceito de ginga, por exemplo, emergiu da prática da capoeira, arte de luta criada por africanos no Brasil como forma de resistência e de sobrevivência ao terror escravocrata. Na capoeira, a ginga é o "movimento básico",[28] que exige do aprendiz um domínio dinâmico do corpo.[29] Como assinalou Eusébio Lôbo da Silva, "não se pode ensinar a gingar", mas aprender bem a ginga é princípio da aprendizagem na capoeira, que exige atenção à materialidade com a qual o corpo do aprendiz se relaciona. Nesse percurso, o capoeirista iniciante aprende a "dialogar com o espaço",[30] num aprendizado individual e intransferível. Essa disposição adquirida produz a técnica na execução dos movimentos. Para Silva, "a técnica, pois, é o instrumento da poética e a poética, o objetivo da técnica".[31]

Os repertórios técnicos e poéticos da ginga, como também das danças e de outros jogos corporais afro-indígenas, instituíram uma memória do movimento, da performance e das gestualidades, a qual foi reencenada na prática do futebol, quando o esporte foi apropriado pelos setores populares no Brasil, assumindo um desdobramento próprio. Há uma passagem emblemática dessa história de recriações na crônica "Bailes e divertimentos suburbanos", de Lima Barreto, publicada em fevereiro de 1922, numa das poucas alusões simpáticas do escritor ao fenômeno cultural então emergente:

> O futebol flagela também aquelas paragens como faz ao Rio de Janeiro inteiro. Os clubes pululam e os há em cada terreno baldio de certa extensão.
>
> Nunca lhes vi uma partida, mas sei que as suas regras de bom-tom em nada ficam a dever às dos congêneres dos bairros elegantes.

23. SCHWARCZ. *O espetáculo das raças*: cientista, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930, p. 247. Não deixa de ser sugestivo que, ainda nesse livro (p. 239), Schwarcz aponte como as interpretações construídas sobre a "questão racial" oscilaram "entre o veneno e o antídoto".

24. Neste ensaio, a partir das contribuições teóricas de Foucault, o racismo é compreendido como um dispositivo biopolítico, que permitiu ao Estado moderno exercer a função de morte. Conforme Foucault, na teoria clássica da soberania, o direito de vida e de morte sobre o súdito pertencia ao soberano. Entretanto a soberania como modalidade de poder seria ineficiente para reger uma sociedade em via de industrialização. Dessa forma, fizeram-se necessárias duas acomodações dos mecanismos de poder: a primeira disciplinadora (tecnologia disciplinar) e a segunda reguladora (tecnologia biopolítica), ambas centradas no corpo. Esse processo concorreu para a formação de um discurso "científico" racialista, cuja linguagem codificou moralmente os traços fenotípicos diferenciais, a fim de regulamentar um efeito político. FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976); *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978).

25. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 226.

26. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 226.

27. O teórico Stuart Hall já havia chamado a atenção para as "modalidades, as experiências históricas e as memórias que codificam" as tradições da diáspora africana, discutindo como "a apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias, culturas e instituições européias, junto a um patrimônio africano – cito novamente Cornel West – conduziram a inovações lingüísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como a meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade". HALL. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais, p. 324-325.

28. SILVA. *O corpo na capoeira*, p. 17.

29. Sobre o conceito de ginga, ver também SOVIK. *A ginga brasileira e o marketing global*.

30. SILVA. *O corpo na capoeira*, p. 20.

31. SILVA. *O corpo na capoeira*, p. 16.

> A única novidade que notei, e essa mesma não me parece ser grave, foi a de festejarem a vitória sobre um rival, cantando os vencedores pelas ruas, com gambitos nus, a sua proeza homérica com letra e música da escola dos cordões carnavalescos. Vi isto só uma vez e não garanto que essa hibridação do samba, mais ou menos africano com o futebol anglo-saxônio, se haja hoje generalizado nos subúrbios. Pode ser, mas não tenho documentos para tanto afiançar.[32]

Em vista disso, a ginga é um "lugar de memória", no sentido formulado por Pierre Nora,[33] mesmo que a narrativa nacional recalque a memória forçosamente dolorosa produzida pela instituição escravocrata. Revisitar algumas imagens do futebol em seus primeiros tempos no Brasil pode contribuir para desmistificar algumas premissas essencialistas sobre nação e "raça", sejam elas positivas ou negativas, conferindo visibilidade aos dilemas inscritos na memória cultural brasileira. A retranca exercida pelo escritor Lima Barreto formou, deveras, um "arquivo precioso", para nosso "encanto e satisfação",[34] dessas primeiras imagens sobre o futebol no Brasil.

32. BARRETO. *Toda crônica*, p. 503-504.

33. NORA. *Entre memória e história*: a problemática dos lugares.

34. BARRETO. *Toda crônica*, p. 195.

3. SEGUNDO TEMPO: UM LITERATO NA RETRANCA – LIMA BARRETO CONTRA O FUTEBOL

A instauração do governo republicano no Brasil alterou a organização política e as formas de imaginar a nação, através de políticas sociais e culturais que visaram uma ampla modernização do país. Diversificados empreendimentos estatais foram implementados, a exemplo das remodelações urbanísticas das principais capitais e das campanhas sanitárias, cujas ações higienizadoras incidiram de maneira violenta sobre os estratos populares.

Lima Barreto foi um observador atento dos acontecimentos políticos nos primeiros anos da consolidação do governo republicano, publicando textos literários em diversos jornais, expondo suas ideias e argumentos sobre os principais assuntos do período. Polêmico, angariou vários desafetos por conta de suas críticas francas e suas sátiras corrosivas. Dentre os inimigos, destacou-se o escritor Coelho Neto, com quem Lima Barreto entabulou uma discussão de longa data, especialmente sobre as vantagens ou os malefícios do futebol para o país. Além de visões políticas contrastantes, Barreto execrava o helenismo de Coelho Neto.[35]

35. ROSSO. *Lima Barreto versus Coelho Neto*: um fla-flu literário.

Os trânsitos discursivos entre as crônicas jornalísticas, a produção romanesca e os escritos memorialistas de Lima Barreto permitem uma abordagem complexa sobre como a presença do real é identificável no texto ficcional, como postulou Wolfgang Iser, embora este não se esgote nesta referência. Para Iser, essa realidade replicada pode ser compreendida como "atos de fingir", cuja operação estabeleceria relações recíprocas entre o real, o fictício e o imaginário,

através da "transgressão de limites", que o texto literário promove.[36]

Essa articulação entre texto ficcional e contexto jornalístico se torna ainda mais produtiva se retomarmos a posição teórica de Benedict Anderson, que analisou, em *Comunidades imaginadas*, como o romance e o jornal, surgidos na Europa do século XVIII, foram duas instâncias de imaginação cruciais para formação da nação, ao compreender que a estrutura básica "dessas formas proporcionaram meios técnicos para 're-presentar' o *tipo* de comunidade imaginada correspondente à nação".[37]

Para Anderson, o jornal não passaria de "uma 'forma extrema' do livro, um livro vendido em escala colossal, mas de popularidade efêmera".[38] A leitura do jornal seria como um "romance cujo autor tenha desistido de qualquer intenção de escrever um enredo coerente".[39]

Dentre as polêmicas de Lima Barreto em suas crônicas, destacou-se a diatribe contra o futebol. O ano de 1918 parece ser um ponto de viragem de uma postura mais desatenta do autor para um acompanhamento cerrado e crítico do processo de disseminação e institucionalização desse esporte. Nessa época, o futebol já havia adquirido uma notável visibilidade, através da fundação de clubes, associações e ligas, para além do circuito das elites locais, expandindo-se para os subúrbios da cidade, como atesta a criação da Liga Suburbana de *Foot-ball* em 1907. O avanço do futebol também era perceptível no espaço concedido pela imprensa nos principais jornais do Rio de Janeiro. Em 1905, a *Gazeta de Notícias* criou uma seção diária de duas colunas dedicadas aos esportes em geral, com grande destaque para o futebol.[40]

Dessa forma, quando Lima Barreto escreveu a crônica "Sobre o *football*", publicada em 15 de agosto de 1918, na qual deixou clara sua objeção ao esporte em geral, e à prática futebolística em particular, o contra-ataque é tardio, o futebol já havia atraído o interesse dos jovens locais de maneira absorvente. Como assinalou Nicolau Sevcenko, em 1919, houve "um grande *boom* esportivo [...], quando o futebol se tornou uma mania que galvanizou toda a juventude" do Rio de Janeiro.[41]

A partir dessa crônica de 1918, Barreto travou um verdadeiro duelo contra o futebol, traduzido muitas vezes pela implicância com que o escritor nomeava o jogo. Várias designações foram criadas para tratar do futebol e dos jogadores: "pé-bolado", "jogo de pontapés", "ponta-pedistas", "futebolesco", "junta pés", entre outros neologismos.[42]

Tendo como mote a publicação do livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, de Carlos Süssekind, Lima Barreto fez uma espécie de memorial dessa longa batalha travada contra o "esporte bretão", na crônica "Como resposta", de 08 de abril de 1922, mesmo ano de sua morte. O autor

36. ISER. *O fictício e o imaginário*: perspectiva de uma antropologia literária, p. 14.

37. ANDERSON. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo, p. 55.

38. ANDERSON. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo, p. 67.

39. ANDERSON. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo, p. 65.

40. PEREIRA. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938).

41. SEVCENKO. *Futebol, metrópoles e desatinos*, p. 32.

42. BARRETO. *Toda crônica*, p. 429; 273; 552; 433.

relembrou os episódios que concorreram para o anúncio de fundação da *Liga contra o football*, em 1919. Embora a citação seja longa, vale pelas ricas imagens sobre o período aludido:

> O que me moveu, a mim e ao falecido doutor Mário Valverde, a fundar a liga foi o espetáculo de brutalidade, de absorção de todas atividades que o *football* vinha trazendo à quase totalidade dos espíritos nesta cidade.
>
> Os jornais não falavam em outra cousa. Páginas e colunas deles eram ocupadas com história de *matches*, de intrigas de sociedade, etc., etc. Nos bondes, nos cafés, nos trens não se discutia senão *football*. Nas famílias, em suas conversas íntimas, só se tratava dos jogos de pontapés. As moças eram conhecidas como sendo torcedoras de tal ou qual clube. Nas segundas-feiras, os jornais, no noticiário policial, traziam notícias de conflitos e rolos nos campos de tão estúpido jogo; mas, nas seções especiais, afiavam a pena, procuravam epítetos e entoavam toscas odes aos vencedores dos desafios.
>
> [...]
>
> Comecei a observar e tomar notas. Percebi logo existir um grande mal que a atividade mental de toda uma população de uma grande cidade fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele; percebi também que não concorria tal jogo para o desenvolvimento físico dos rapazes, porque verifiquei que, até numa sociedade, eram sempre os mesmos a jogar; escrevi também que eles cultivavam preconceitos de toda a sorte; foi então, que me insurgi.[43]

Através da rememoração, Lima Barreto delineou as mudanças comportamentais em todos os estratos da população por conta do futebol. Apenas quatro anos separam essas duas crônicas, mas o uso mesclado entre pretérito perfeito e imperfeito evidencia os diferentes modos de relacionamento do sujeito enunciador com a matéria narrada. Em relação às próprias ações, predomina o pretérito perfeito do indicativo (moveu, percebi, verifiquei, escrevi), marcando um distanciamento das ações, como se recordasse esforços malogrados e dos quais resguardasse certa frustração. Contudo, quando as ações se referem aos efeitos do futebol na sociedade, existe a predominância do pretérito imperfeito do indicativo (vinha trazendo, falavam, tratava, entre outros), os quais descrevem um passado habitual e que ainda permanece como hábito.

Em um trecho do *Diário Íntimo*, datado de 13 de março de 1919, Lima Barreto transcreveu uma entrevista publicada no *Rio-Jornal* sobre a fundação da *Liga contra o football*, a qual ajuda a recompor o contexto e as motivações que o impeliram à formação dessa controversa organização, no mesmo momento em que pulularam ligas esportivas. O jornalista do *Rio-Jornal* escreveu um texto marcado pela informalidade, o que indica uma familiaridade entre o entrevistador e

43. BARRETO. *Toda crônica*, p. 515-516.

o escritor. Nessa entrevista, Lima Barreto esclareceu que a ideia da liga havia surgido ainda em 1918, mas que somente no início de 1919 foi retomada, conforme o seguinte excerto:

> Passaram-se dias e meses e não mais falamos nisto; ultimamente, porém...
>
> – Com a decisão da congregação do Pedro II, proibindo o *football?*
>
> – Não; antes. Eu explico a você. Nos últimos meses do ano passado, estive no Hospital Central do Exército, tratando-me. Lá, sem ter que fazer, nem distrações, eu, por desfastio, lia todas as seções dos jornais, inclusive as esportivas que são as únicas enfatuadas e enfáticas. Verifiquei que havia uma irritação inconveniente entre os *players*.[44]

Lima Barreto registrou no diário que esteve internado entre 04 de novembro de 1918 e 05 de janeiro de 1919. A publicação da crônica "Sobre o *football*", em agosto do ano anterior, aponta para 1918 como um ano de leitura e meditação sobre as seções esportivas dos jornais. Nesse período, o escritor estava afastado do trabalho, por conta de problemas de saúde.

A informação de que o renomado Colégio Pedro II proibira a prática do futebol no estabelecimento de ensino é mais um índice de como o jogo extrapolou o controle do discurso da mera educação física, transformando-se em verdadeira mania. Ainda nessa entrevista, Lima Barreto apresentou a conclusão de suas meditações sobre o *football*, como preferia chamar, assinalando a adoção acrítica do esporte no país e o modismo em que se transformara. Na visão do escritor, "[...] longe de tal jogo contribuir para o congraçamento, para uma mais forte coesão moral entre as divisões políticas da União, separava-as".[45]

Além de apresentar seus severos julgamentos, Lima Barreto também fez uma denúncia sobre as subvenções do governo ao esporte, explicitando algumas conexões entre a Confederação e o Itamarati, no que tange à representação do selecionado nacional em competições internacionais. Na crônica "Bendito *football*", de outubro de 1921, o autor retorna a esse assunto, após a decisão do presidente Epitácio Pessoa em excluir jogadores "negros e mulatos" das delegações esportivas brasileiras.

> Foi sua resolução [do presidente Epitácio Pessoa] de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano
>
> [...]
>
> A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante,

44. BARRETO. *Prosa seleta*, p. 1327.

45. BARRETO. *Prosa seleta*, p. 1327.

> quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do *football*, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social. O que me admira é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infiéis, não tragam também a tisna, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem.[46]

Lima Barreto encerra essa crônica com um provocativo *post-scriptum*: "A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*",[47] evidenciando os hiatos entre as imagens internas e as visões externas sobre o país.

Entre 1918 e 1922, a intensidade do combate travado contra o futebol, em que o escritor foi violentamente rechaçado, somado a sua própria debilidade física, parece ter exaurido o ímpeto ofensivo de Lima Barreto. A crônica "Como resposta", de 08 de abril de 1822, citada anteriormente, possui um tom memorialista muito expressivo. Barreto recordou que, quando da fundação da *Liga contra o football*, foi "alvejado com os mais soezes insultos e indelicadas referências".[48] Apoiando-se nos argumentos médicos do livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, de Carlos Süssekind, Lima Barreto usou a crônica de 08 de abril como verdadeira desforra contra aqueles que o insultaram. No desfecho dessa crônica, Barreto empenhou, quixotescamente, a própria vida na luta contra o futebol: "O meu caro doutor Süssekind pode ficar certo de que, se a minha liga morreu, eu não morri ainda. Combaterei sempre o tal *football*".[49]

Numa crônica em de 06 de maio de 1922, intitulada "Ainda e sempre", Lima Barreto novamente utilizou o discurso médico, dessa feita do doutor Nicolau Ciancio, que resumiu estudos do pesquisador alemão Herxheimer sobre a inter-relação entre esportes violentos e doença cardíaca, como recado contra seus detratores, os "sábios cronistas taça Seabra", realizada naquele ano, e que se referiram ao escritor "do modo mais insólito".[50] Essa breve crônica é concluída com um adágio popular, "Rira mieux qui rira le dernier", que acentua ainda mais o desejo de desforra nas crônicas sobre o futebol nesse ano que seria o último da vida de Barreto.

Embora pretenda mostrar vigor, é óbvio o cansaço de Lima Barreto nesse jogo crítico em que o autor vinha acumulando derrotas. Na crônica "Não queria, mas...", de 03 de junho de 1922, o autor mostrou-se novamente combalido, embora renitente: "Já tinha disposto a não falar mais em semelhante coisa de *football*; entretanto não me é possível deixar de fazê-lo, porquanto isto é uma campanha de honra a que me entreguei e não abandono".[51]

46. BARRETO. *Toda crônica*, p. 433-434.

47. BARRETO. *Toda crônica*, p. 434.

48. BARRETO. *Toda crônica*, p. 516.

49. BARRETO. *Toda crônica*, p. 516;

50. BARRETO. *Toda crônica*, p. 520.

51. BARRETO. *Toda crônica*, p. 526.

Para sintetizar alguns (im)passes desses quatro anos de acirrado combate contra o futebol, é conveniente atentar para os argumentos utilizados por Barreto. Num primeiro plano, o autor critica a valorização nacional do futebol e de outros desportos em detrimento da vida intelectual e da atuação política. Na sua ótica, "tudo tem um limite e o *football* não goza do privilégio de cousa inteligente".[52]

52. BARRETO. *Toda crônica*, p. 531.

Em segundo lugar, Lima Barreto considera o futebol como causador de dissensões no país, ao excluir "negros e mulatos" da possibilidade de representar o Brasil em competições no estrangeiro, denunciando as discriminações de cunho "racial" e social. Nesses dois argumentos, houve uma verdadeira disputa, na qual os discursos ditos científicos eram utilizados pelos dois lados da contenda, seja a favor do futebol ou contra.

O terceiro argumento utilizado por Lima Barreto contra o futebol voltou a se repetir na crônica "Não queria, mas...", de 03 de junho de 1922, em que sentenciou: "O *football* é uma escola de violência e brutalidade e não merece nenhuma proteção dos poderes públicos, a menos que estes nos queiram ensinar o assassinato".[53] Para o escritor, o futebol era um tipo de divertimento que estava "tão profundamente unido à nossa mocidade por meio de barulhos e conflitos".[54] Lima Barreto interliga a violência do futebol ao acirramento das disputas nacionais. Essa leitura está marcada pelo contexto do final da Grande Guerra (1914-1918), como também funciona como uma crítica ao imaginário republicano marcadamente militarizado.

53. BARRETO. *Toda crônica*, p. 526.

54. BARRETO. *Toda crônica*, p. 163.

Desses três eixos críticos, pelo menos dois permanecem bastante atuais. O debate sobre o anti-intelectualismo do futebol está superado, sobretudo após a crítica pós-estruturalista da metafísica platônica. Os saberes produzidos na vivência do futebol não podem ser considerados inferiores. Entretanto, ainda que a questão da representação nacional por negros e mestiços na seleção brasileira não tenha mais sentido, em outros setores do "mercado da bola" é notória a hierarquização codificada racialmente. Para além da posição do jogador, os cargos de comando, de prestígio ou de visibilidade social (a exemplo de dirigentes, técnicos de futebol em equipes de ponta, empresários, comentaristas esportivos em emissoras televisivas) não possuem uma ocupação que seja representativa da diversidade cultural do esporte. No contexto mundial, cresceram as manifestações de discriminação racial contra jogadores negros e mestiços, muitas vezes provenientes de ex-colônias europeias. Quanto ao acento marcial do futebol, nos conflitos entre os times, as pequenas "comunidades imaginadas", aumentaram os índices de assassinatos e outros crimes, envolvendo torcidas organizadas.

A "derrota" dos argumentos de Lima Barreto ironicamente permanece inscrita na memória cultural não como um

fracasso pessoal do autor, mas como um fracasso da sociedade brasileira, pois a discussão crítica e coletiva sobre quais prioridades culturais e políticas devem nortear a construção social permanece irrealizada e deslocada pelo culto nacional ao "vencedor", que acaba sendo o futebol.

4. PRORROGAÇÃO: SOBRE PROBLEMÁTICAS SEM SOLUCIONÁTICAS

A dimensão criativa do futebol no Brasil necessita de realimentação cultural, que pode advir de uma perlaboração da memória do futebol no país, pelo conhecimento da história, das inovações de linguagem e soluções estruturais. O futebol ocupa várias horas do noticiário diário, além dos programas exclusivamente dedicados ao universo futebolístico. A maioria desses discursos possui um tom apologético, construindo uma narrativa teleológica do futebol, cujo ponto de partida é o mesmo da chegada, a exaltação do pentacampeonato mundial de futebol. A crença generalizada é que o Brasil sempre foi o melhor do mundo e sempre o será. Como se a intensificação hiperbólica sustentasse o culto de uma imagem passada que, muitas vezes, não encontra sustentação no presente.

Com a proximidade da Copa do Mundo de 2014, as expectativas e os dilemas se avolumaram. A remodelação dos estádios e das circunvizinhanças desses não se coaduna com as imagens de indígenas vivendo na Aldeia Maracanã, por exemplo. Recriando a célebre frase de Dario, são muitas problemáticas colocadas em jogo, sem "solucionáticas" evidentes ou definitivas.

A análise das imagens inscritas nos textos literários de Lima Barreto contribui para desnaturalizar o futebol. A partir disso, é possível problematizar seu caráter compulsório de nacionalidade, assim como problematizar o essencialismo de que negros e mestiços seriam mais aptos para o jogo futebolístico, como proposto por Wisnik.

A prática do futebol no Brasil é heterogênea e complexa, marcada por repertórios culturais distintos e resistentes ao controle disciplinar do corpo na modernidade. Longe de ser um "relativizador das raças",[55] o "mulato" forjou maneiras de driblar os obstáculos de práticas e discursos racializantes, que postulavam sua degeneração. A mera inversão do estigma racial, expresso em discursos de exaltação dos "mulatos" desde o século XX, não faz jus à história de recriações culturais.

Repensar a inter-relação entre literatura e futebol, através da análise das imagens literárias plasmadas, abre um campo de problematização diferencial para as discussões em torno da memória cultural brasileira e, principalmente, acerca da própria literatura, de seus nexos e/ou atritos com as expressões populares e com os discursos que constroem a nação na contemporaneidade.

55. WISNIK. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil, p. 231.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica. Telê Porto Ancona Lopez (coord.). São Paulo; Madri: ALLCA XX, 1997.

BALIBAR, Etienne. La forma nación: historia e ideología. In: BALIBAR, Etienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raza, Nación y Clase**. Madri: IEPALA, 1991, p. 135-167.

BARRETO, Lima. **Toda crônica**: Lima Barreto. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2v.

BARRETO, Lima. **Contos completos**. Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. Diário íntimo. **Prosa seleta**. Organização Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 1207-1375.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando:** uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FRANÇA, Vera. Narrativas televisivas: programas populares na TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. Diário de Pernambuco, 17 jun. 1938. Disponível em: <http://nacaomestica.org/blog4/?p=1782>. Acesso em: 03 fev. 2013.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário:** perspectiva de uma antropologia literária. Rio de janeiro: Ed. EDUERJ, 1996.

MOTA, Carlos Guilherme. Cultura brasileira ou cultura republicana? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 4, n. 8, abr. 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=ptpt. Acesso em: 20 jan. 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PEDROSA, Milton (org.). **Gol de letra:** o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Gol, 1967.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania:** uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 2008. 414 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROSSO, MAURO. **Lima Barreto versus Coelho Neto:** um fla-flu literário. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.

SILVA, Eusébio Lôbo da. **O corpo na capoeira**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. v. 3.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **O espetáculo das raças:** cientista, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, n. 22, p. 30-37, jun/jul/ago 1994.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOVIK, Liv. A ginga brasileira e o marketing global. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol. 6, n. 17, nov. 2009, p. 127-142.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.